

10. Giants Stadium (Estádio dos Gigantes)

uma história do U2 nos estados unidos / uma turnê pelo submundo / bono é espancado com uma escova de cabelo / ellen darst, uma guia local / mulheres no local de trabalho / como o autor perdeu sua objetividade / conservando a banda de abertura

GAROTOS AGLOMERAM-SE por vários dias nos estacionamentos do estádio de futebol, Giants Stadium, ao Norte de Nova Jersey, do outro lado do rio a partir de Manhattan, enquanto o poderoso palco é erguido para a ZOO TV: THE OUTSIDE BROADCAST. Eles se agacham, maravilhados e confusos, como os homens-macaco estudando o monolito em *2001 – Uma Odisseia no Espaço*. Para a turnê de verão nos Estados Unidos o U2 elevou tudo à proporções elefantinas. O palco, enorme e preto, se ergue em uma das extremidades do campo de futebol, seus picos subindo em direção ao céu como torres de catedrais pós-nucleares. Elas deveriam se parecer com torres de TV - andaimes negros se estreitando a medida que sobem até uma luz vermelha piscante - mas o efeito é muito mais assustador do que isso. O palco de onze andares é apenas a estrutura para as gigantescas telas de TV que piscam e chamam acima e por toda a frente do palco. Quando as luzes do estádio se apagam e todas aquelas telas se acendem para a vida um instinto tribal toma conta da platéia: o U2 pode ter descoberto uma ligação subconsciente entre o recente ritual familiar de sentar-se ao redor da televisão e equivalentes rituais mais primitivos - tal como a reunião do clã para ser entretido pelo xamã. Quando o U2 sobe ao palco até mesmo os helicópteros circulam lá em cima para dar uma olhadinha e os aviões que usam o estádio como um marcador de pouso parecem ornamentos vermelhos piscantes voando e zumbindo em redor do grande vodu, pequenas fagulhas mecânicas se erguendo da fogueira elétrica.

O Submundo, a vasta rede de áreas de trabalho atrás e abaixo do palco, é uma colmeia. À direita de Edge, num bunker a dois degraus abaixo, está o técnico de guitarra Dallas Schoo numa sala cheia de guitarras, afinadores e peças sobressalentes. É uma loja de guitarras completamente funcional. Durante o concerto, Dallas interromperá uma conversa para entregar um pedal de wah-wah para que Edge possa obter o efeito que deseja enquanto mantém os seus próprios pés livres para se mover pelo palco. Bem ao lado da sala de Dallas, num pequeno cubículo que lhe dá uma clara visão do palco, fica Des Broadbery num elaborado console de teclados e telas de computador. Des cuida dos sequenciadores que preenchem o som do U2 e tornam possível que eles se aproximem, em palco, daqueles elaborados efeitos sonoros do Achtung Baby. Des tem um arquivo de computador de prontidão com qualquer música do U2 que a banda possa repentinamente tirar da cartola. E se for necessário um teclado de sintetizador ou uma segunda guitarra, Des está preparado para participar. Quando Edge está tocando o solo em “Ultra Violet (Light My Way)”, por exemplo, Des está sob o palco fazendo uma sequência de 8 compassos de guitarra sampleada (que faz parte da música).

“Não há espaço para erro humano no que eu faço”, diz Des. “Você tem que estar afiado. Há muita coisa que depende do que acontece na minha área. O que realmente importa quando eles estão no palco é ter a certeza de que eles estarão comigo ou eu estarei com eles”.

Eu pergunto para o Des o que ele faz quando a banda se perde no meio da música, como resultado, digamos, do Bono se empolgar demais e entrar antes. “O que acontece”, Des explica, “é eu deixar todos eles descobrirem onde estão e então eu me antecipo a eles para um refrão ou verso e espero lá até que eles me alcancem”.

O U2 começou a usar sequenciadores em shows para conseguir lidar com “Bad” do *The Unforgettable Fire*. Para a turnê Joshua Tree os sequenciadores já haviam chegado a oito em número. Agora, é rara a música do U2 que não tem o Des adicionando algum sample, frase ou uma parte de fundo.

Da ala do Des e do Dallas você pode dar um salto direto para um vasto hall atrás do palco, no qual fica um pequeno camarim com um saco de boxe onde os membros da banda se reúnem durante os intervalos, e onde eles podem trocar de roupa. Certa noite, Bono entrou furioso durante o solo de guitarra de Edge em “Bullet the Blue Sky”. Estava dando tudo errado naquela noite e ele estava furioso. Antes de se jogar na cadeira onde a estilista Nassim Khalifa o embeleza, ele socou o saco, atirou uma cadeira e chutou a parede. Enquanto Nassim tentava pentear o cabelo dele ele socava a mesa e gritava: “Merda! Merda!” Então ela bateu na cabeça dele com a escova de cabelo como se ele fosse um cão malvado. Bono ficou surpreso. Isso dói! Ele olhou no espelho e viu Nassim o penteando calmamente, sem dizer nada. Ele calou a boca e se comportou.

Abaixo desse nível está o cérebro central de operações da Zoo TV, uma rede de mesas, painéis de controle e monitores de televisão geralmente descritos na imprensa como “uma estação de TV inteira sob o palco”. Isso na verdade é enganador, porque quando as pessoas pensam numa estação de TV elas pensam em algo muito menos elaborado do que esse cenário. O que isso realmente se parece é com uma sala de controle de missões da NASA. Em cada tela há uma imagem diferente, múltiplas imagens de Bono, Larry, Adam e Edge, bem como diferentes canais de TV transmitindo a sua programação, imagens pré-gravadas usadas durante o show, os aforismos que piscam nas telas de TV e toda a programação criada para o show, desde um búfalo que corre em câmera lenta através da série de telas durante “One” até as bombas nucleares que explodem durante “Until the End of the World”. Há onze laserdisc players que alimentam com imagens um total de 262 cubos de vídeo (os componentes de tamanho normal das telas de TV dos vidiwalls) cada um dos quais podendo ser controlados separadamente, se alguém fosse suficientemente lunático para fazê-lo.

Manter essa operação na estrada custa ao U2 125 mil dólares por dia, todos os dias - tendo show ou não. Diante de tal custo, a recusa deles em aceitar patrocínio de empresas é quase heróica.

Há outra loja de música, esta equipada com materiais de bateria e alguns equipamentos de baixo, no bunker à esquerda de Adam, e há uma espécie de pequeno galpão escondido atrás do Adam, à esquerda do Larry, onde o baixista pode se agachar para um rápido gole d'água

ou uma olhada rápida num gráfico de acordes. Por todo o Submundo há pessoas correndo de um lado para o outro falando em seus fones de ouvido, dirigindo empilhadeiras e acionando interruptores com uma determinação que eu só vi em Scotty na sala de máquinas quando o Capitão Kirk estava lutando com os Klingons. O mais notável é que essa megaestrutura tem que ser reconstruída e demolida em todas as cidades ao longo do caminho - o que significa que além dos outros fardos o U2 tem que alugar um estádio de futebol por três noites para poder tocar uma vez, porque demora todo esse tempo para erguer o palco.

Olhando para esse poderoso empreendimento e para as oitenta e cinco mil pessoas ansiosas pela chegada do U2, eu tenho que me esforçar para lembrar que doze anos atrás eu precisei apenas do meu pequeno e desgastado Dodge Dart para transportar o U2, eu mesmo e Ellen Darst, do Holiday Inn de Providence, em Rhode Island, à um almoço em Warwick para uma entrevista de rádio na Brown University e dali para a passagem de som num bar chamado Center Stage do outro do lado do rio, em East Providence. Nós éramos muito menores naquela época.

Minha amiga Ellen parecia saber o que o U2 seria desde o momento em que ela os ouviu pela primeira vez. Em 1980, ela havia acabado de ser promovida de uma representante de rua da Warner Brother Records para um emprego no escritório de Manhattan. Eu ainda vivia na Nova Inglaterra naquela época, mas eu a visitava quando estava em Nova York. Um dia eu fui visitar Ellen e ela disse: “Você tem que ouvir isso” e colocou “I Will Follow” para eu ouvir. A Warners estava distribuindo para a Island Records e o chefe da Island, Chris Blackwell, tinha essa nova banda, o U2. Eu achei que o single era bom, mas Ellen achava que era a segunda vinda de Cristo. Ela me fez prometer que eu voltaria para ver o U2 quando eles tocassem no Paradise, um clube em Boston ¹.

No palco, o U2 era empolgante, ainda muito cru, mas tão cheios de energia e convicção que o público era arrebatado e ficava de pé, dançando e se empurrando em direção ao palco para alcançar Bono. Na minha memória eles tocaram “I Will Follow” e “Out of Control” duas vezes no curto setlist, o que não era muito incomum na época do punk. As bandas tendiam a começar a fazer shows antes de terem uma hora de músicas que valessem à pena no repertório que tinham. Mais tarde eu descobri que o U2 tinha muitas músicas que precederam o contrato de gravação, mas eu acho que eles queriam se dedicar ao que tinham de melhor para os primeiros shows na América.

Muita gente que comprou o Boy, o primeiro álbum, quando ele saiu e que viu aqueles primeiros shows gostam de andar por aí agora dizendo que o U2 nunca foi tão bom como naquela época e dizem para os netos: “Se você tivesse visto o U2 quando eles eram adolescentes, assim como eu vi, vocês não ficariam impressionados com toda essa parafernália da Zoo TV agora”. Na verdade isso não é verdade. O jovem U2 era carismático

¹ Curiosidade: no DVD Elevation Tour Live From Boston, Bono cita o clube Paradise durante I Will Follow. “Paradise, Paradise, Paradise. A club called Paradise twenty years ago. Ring those bells, those bells never gonna get old”. (Paradise, Paradise, Paradise. Um clube chamado Paradise vinte anos atrás. Toque esses sinos, esses sinos nunca vão envelhecer).

pra caramba, mas eles ainda se apoiavam na paixão (e no som impressionante da guitarra do Edge) para conseguir superar a escassez de grandes músicas e a falta de coesão musical. Quando se deparavam com uma plateia que não estava interessada em acolher a convicção deles, o jovem U2 soava bastante comum. Mais tarde Larry repetiu o que o Adam havia dito antes - a banda, realmente, não era tão boa quando eles vieram para a América pela primeira vez. As pessoas se envolviam não com o que o U2 era, mas com a promessa do que eles poderiam vir a ser.

Eu prometi a Ellen Darst, depois do show no Paradise, que iria publicar um artigo, como freelance, sobre o U2 em uma das revistas de rock para as quais eu estava escrevendo. Foi muito difícil encontrar alguém interessado. Finalmente a revista Output, de Long Island, disse tudo bem. No dia em que o U2 chegou a Rhode Island, onde eu morava, tentando dar a entrevista, uns amigos meus, uma banda local chamada Shake, estavam fazendo um grande churrasco na casa deles e eu não queria perder isso. Então eu me ofereci para buscar o U2 no Holiday Inn e levá-los comigo. Era um dia úmido e sufocante do Memorial Day¹ e, quando eu apareci no motel para buscá-los, Bono, Larry e Edge estavam na piscina. Adam estava me esperando na porta da frente. “Vamos”, Adam chamou os outros, “vamos para um burnout!”

“Um cookout”, eu corrijo, “não um burnout”. “Um cookout é queimar uma carne, um burnout é queimar uma ponta”².

“Ah”, diz Edge, “e vamos queimar uma carne?”

Nós passamos a tarde comendo cachorro-quente com as bandas locais e seus familiares na casa do pessoal do Shake, e em um dado momento, o U2 e eu fomos para a sala de ensaios no porão, e fizemos uma longa entrevista em que me contaram a sua história até aquele momento. Considerando que o mais velho deles, Adam, tinha acabado de completar vinte e um, não era uma história muito longa. Fiquei impressionado com o fato de que eles escreverem todas as suas músicas improvisando juntos em uma sala; eles pareciam determinados a manter tudo igual entre eles. Bono era categórico em afirmar que as bandas naquela época não eram bandas verdadeiras, onde é um por todos e todos por um. Era um ou dois líderes e músicos acompanhantes contratados. Ele fez questão para o fato de que o U2 sempre seria o que eles cresceram acreditando que os Beatles e os Stones eram: uma banda de verdade. O Shake tinha um pôster colorido dos Beatles no início da carreira pendurado na parede e eu lembro do U2 olhando para ele, fascinados pelo fato de que nesse pôster todos os Beatles tinham cabelos completamente pretos. Eles estavam impressionados com a possibilidade de os Beatles terem tingido seus cabelos para ficarem mais parecidos uns com os outros. (Na verdade, eu suspeito que a empresa de pôster foi quem fez a tintura, não Brian Epstein).

¹ O Memorial Day é um feriado público para celebrar os soldados que morreram em Guerra, atualmente é observado na última segunda de maio, mas originalmente era celebrado em 30 de maio.

² Cookout e burnout: confusão feita pelo Adam entre os dois termos. Cookout é uma festa onde cozinha-se e come-se fora da casa, no pátio, tipo um churrasco, burnout é fumar droga (ou queimar uma ponta).

Quando subimos de volta à festa, Edge me perguntou sobre o Shake e eu disse que eles eram uma banda muito boa que tocava seis noites por semana, cinquenta semanas por ano, na esperança de conseguirem um contrato com uma gravadora. Ele disse que aquela não era a maneira de se fazer isso. Edge disse que um single, mesmo um feito em casa, com uma grande música faria mais por uma banda do que cinco anos tocando em clubes. “I Will Follow” era a prova.

Nos dois anos e meio seguintes, da primavera de 1981 até o outono de 1983, o U2 tocou tantas vezes no Nordeste que você poderia até pensar que eles viviam em Seekonk. Mesmo quando eles não estavam em turnê entre Boston e Washington eles mantinham uma forte presença com entrevistas nos jornais de música locais e com suas músicas sendo tocadas nas estações de rádios das universidades. Eu lembro de dar de cara com o Adam nos clubes em Boston, entre turnês, curtindo a América e certificando-se que o U2 teria controle sobre tudo o que estivesse acontecendo. Ellen Darst estava sempre ao lado deles. Mais tarde, em 1981, a Warners a demitiu junto com uma tonelada de jovens executivos, em reação a queda geral no setor das gravadoras pós-discoteca. O U2 ajudou Ellen a conseguir um emprego na Island, mantendo-a por perto. Ela me disse que o trabalho na Island seria apenas temporário se as coisas dessem certo para a banda.

E sim, elas deram certo. Paul McGuinness e o U2 usaram Ellen como seu guia para a indústria musical americana. Assim que o U2 teve suficiente dinheiro para isso, eles abriram um escritório em Nova York e colocaram Ellen no comando. Ellen contratou Keryn Kaplan como sua assistente. Keryn, recém saída da faculdade, tinha sido secretária na Warners e também fora dispensada. Não muito tempo depois, Paul contratou Anne-Louise Kelly para ajudar a organizar o escritório em Dublin e percebeu que ela era inteligente demais para desperdiçá-la datilografando e arquivando. Anne-Louise tornou-se diretora do Principle Management Dublin, o mesmo título que Ellen tinha em Nova York.

Eu sei que Ellen realmente sentia que as mulheres eram maltratadas na indústria gravadora dos EUA e estava determinada a aproveitar todas as mulheres inteligentes que estavam sendo ignoradas ou subutilizadas por homens que recebiam demais no clube dos velhos garotos. Eu não faço idéia se Anne-Louise sentia a mesma coisa, mas ambos os escritórios do Principle Management, o de Nova York e o de Dublin, eram compostos quase inteiramente por mulheres. Eles ainda são. Eu acho que isso é uma das razões pelas quais a organização do U2 tem uma atmosfera completamente diferente - e muito mais camaradagem - do que a maioria dos negócios musicais. A maioria das empresas de administração - e de fato, os níveis mais altos da maioria das gravadoras - têm o espírito de um clube de futebol ou de uma campanha militar. Há muitos gritos de Nós versus Eles e muita postura machista - o que é sempre desagradável quando as pessoas estão envolvidas numa empreitada que não requer coragem física e pouco risco pessoal. As pessoas se aborrecem rapidamente nesse tipo de ambiente. Tenho certeza que uma das razões para as mulheres do Principle trabalharem muitas horas por dia por vários anos seguidos é porque, na maior parte do tempo, é um local agradável e encorajador para trabalhar.

“Ellen me ensinou muito sobre a América naqueles primeiros tempos”, diz McGuinness. “Se você está na estrada com quatro ou cinco caras e todas essas coisas de macho que

acompanham o rock & roll, um contrapeso muito eficaz é associar-se com um monte de mulheres. Parece ser a maneira correta de fazer as coisas. Há muita masculinidade no rock & roll sem que seja preciso tê-la nos escritórios também. Há muitas mulheres no mercado da música que não são reconhecidas pelo que elas podem fazer e eu acho isso uma estupidez. Nós não vamos ser estúpidos com relação a isso”.

Uma vez que o U2 estava com sua organização funcionando eles trabalharam como castores para ganhar novos convertidos para a sua causa. Bono era ímpar na sua busca por audiência, pulando no público, dançando com as fãs, se atirando sobre braços esticados e - enquanto os lugares em que eles tocavam cresciam - escalando os andaimes, se pendurando em cabos nas paredes, se pendurando nas sacadas. A banda organizou uma série de cortes marciais nas quais eles massacravam o Bono por arriscar-se e colocar em perigo qualquer criança do público que poderia tentar imitá-lo. Ele finalmente entendeu a mensagem quando Edge, Adam e Larry ameaçaram acabar com o U2 se ele não parasse de se fazer de Tarzan. Bono me disse que na época ele também foi influenciado por uma crítica ao show escrita por Robert Hillburn no Los Angeles Times onde o crítico disse que a música do U2 não precisava desse tipo de distrações. Eu acho que Hillburn permaneceu como a consciência conservadora de Bono ao longo dos anos. À medida que a Zoo TV se expandia cada vez mais, todo o tipo de possibilidades para a futura expansão do U2 em vídeos interativos, redes de computadores, e TV a cabo eram oferecidas para a banda. Bono estava interessado em tudo, bem como em escrever roteiros de cinema e nas ofertas para papéis em filmes que eram regularmente passadas pelas mãos do Principle. Mas, ele mencionou mais de uma vez que Hillburn disse a ele: “Se você colocar toda a sua energia no desenvolvimento de sua música, você poderá ser um dos melhores compositores de todos os tempos. Pense no que Gershwin deixou pra trás, pense em Hank Williams. Será que você deveria deixar que outras coisas te distraiam disso?” Essa repreensão ecoou dentro da cabeça de Bono. Ele continua lutando com isso.

A primeira vez que o U2 foi a atração principal numa arena nos Estados Unidos foi no Centrum em Worcester, Massachusetts, no outono de 1983, seis meses depois do início da turnê War. O Centrum era, na época, um espaço novo, com capacidade para quinze mil pessoas e situava-se num centro populacional cerca de 15 minutos de Boston, a nordeste, Hartford a sudoeste e Providence a sudeste. Os fãs que o U2 vinha conquistando em três estados correram para lá e esgotaram o show. Foi uma grande noite para a banda, um presságio do que estava por vir e alguns garotos e garotas muito empolgados correram para o palco para tentar abraçar o Bono. Quando os seguranças vieram atrás de uma garota, Bono dispensou-os, envolveu-a com os braços e dançou com ela pela borda do palco. Então ele continuou cantando enquanto ela se ajoelhou e ficou agarrada à perna dele. Ela se acorrentou ao tornozelo dele. E não tinha a chave. O show teve que continuar com Bono preso à fã até que os roadies conseguissem uma serra para cortar a corrente. A relação do U2 com seu público estava mudando.

Eu fui até os camarins logo depois que o U2 saiu do palco naquela noite, parabeneizei os outros caras por terem esgotado o Centrum e fui dizer oi para o Bono. Ele estava coberto de suor, tinha uma toalha em volta do pescoço e falava, com os olhos arregalados, usando todos os seus vãos poéticos. Depois de alguns minutos percebi que ele não me conhecia. Tentar

comunicar-se com quinze mil pessoas fez alguma coisa em seu cérebro e o envolvimento dele não era uma interpretação. Ele não conseguiu desligar no momento em que saiu do palco. Ele estava se transformando do garoto que eu havia conhecido quando “I Will Follow” era novidade em alguém maior.

Um ano mais tarde, depois de “Pride” ter levado o U2 ao próximo nível de sucesso, tocar em lugares pequenos não era mais uma opção. Naquela época eu havia me mudado para Nova York e o U2 estava tocando na Radio City Music Hall. Era um local muito pequeno. O público estava avançando para o palco, os seguranças estavam lutando com os fãs, Bono estava lutando para recuperar o controle como Mick Jagger em Altamont. Bono entrou em brigas com os policiais que estavam batendo nos garotos. O show parou várias vezes enquanto os guardas tentavam restaurar a ordem. Foi uma grande confusão que quase acabou com Bono sendo preso e praticamente garantiu que o U2 já não podia mais tocar em locais de tamanho médio nos Estados Unidos.

No verão de 1986, o U2 concordou em ser a banda principal para uma turnê beneficente na América em favor da Anistia Internacional. Eles seriam o topo de uma lista que ainda contava com Sting, que tinha acabado de sair do the Police, Peter Gabriel e Lou Reed, um dos seus primeiros heróis. A última noite da turnê da Anistia seria apresentada aqui no Giants Stadium e seria televisionada na MTV. Estrelas convidadas surgiam de todos os lados e a tensão estava alta, quando a MTV deu um passo a frente e assumiu o comando. Miles Davis tocou, Muhammad Ali falou, Pete Townshend saiu do avião em Nova York e recebeu a notícia de que seu pai havia acabado de falecer em Londres. Ele deu a volta e foi para casa. Joni Mitchell, que estava programado para tocar apenas algumas músicas, foi convidado a ficar sem ensaiar e fazer um show completo para preencher o buraco deixado pelo Townshend. O lugar estava uma loucura com tanta vaidade, pânico, ameaças e bajulação.

A maior guerra de egos era sobre quem iria encerrar o show. Era uma turnê do U2, sempre foi, mas nos últimos dias a banda recém falecida de Sting, the Police, havia se reunido para um majestoso adeus libertador e uma conscienciosa despedida. O the Police era um nome maior que o U2, e o fato de ser essa a última apresentação de despedida, de adeus-a-tudo-isso, não deixou dúvidas na cabeça do empresário deles, Miles Copeland, sobre quem deveria ser o responsável pelo clímax nesse grande espetáculo. O promotor da turnê, Bill Graham, discordou. Graham, Copeland e o líder da Anistia, Jack Healy, discutiram para decidir quem iria abrir para quem. Raramente houve tanta energia furiosa gasta no serviço de presos políticos quanto naqueles camarins do Giants Stadium naquele dia.

Finalmente uma conciliação digna de Salomão foi alcançada. O U2 entrou primeiro e tocou como principal. Bono, de cabelo comprido, parecia-se com Daniel Webster e teve o estádio de futebol na mão. As pessoas que assistiram pela TV me disseram que pareceu exagerado, uma representação, e até pode ser que sim, mas no estádio foi hipnotizante. Eu estava empolgado por eles terem conseguido. Corri para trás do palco para falar com a Ellen e disse: “Ellen! Eles foram melhor do que nunca! O The Police nem tem chance!” e ela metaforicamente chutou minha bunda e me fez engolir minhas palavras. “Isso não é uma competição!” Ellen explodiu. “Esses músicos não têm nada além de respeito e afeição uns pelos outros e não ajuda em nada quando as pessoas que os cercam tentam transformar as

coisas numa batalha de bandas!” “Caramba!” eu expliquei, me encolhendo como uma camiseta barata lavada com água quente. Ellen se acalmou e disse: desculpe, tem sido um dia difícil.

O grande acordo era que o U2 sairia do palco a tempo para o The Police ter uma boa parte do horário nobre na televisão, antes do final da transmissão da MTV. E no final da (excelente) apresentação do The Police eles tocaram “Invisible Sun”, sua assombrosa canção sobre os problemas na Irlanda do Norte. Um por um os membros do U2 surgiram por detrás do palco pegando os instrumentos do The Police. Larry pegou o lugar de Stewart Copeland atrás da bateria, Edge pegou a guitarra de Andy Summers, Adam pegou o baixo do Sting e Bono foi para o microfone terminar de cantar a música do The Police. Foi um gesto de classe, a Maior Banda do Mundo de saída passando publicamente o bastão para a nova.

Olhando em retrospectiva o final da Anistia, um ano depois, Sting disse: “Na última música que tocamos nós passamos os instrumentos para o U2. Todas as bandas têm o seu momento. Em 84 nós éramos a maior banda do mundo e eu percebi que o U2 seria a próxima e eu estava certo. Eles são a maior banda do mundo. Daqui a um ano será a vez deles passarem seus instrumentos para outros músicos”.

E agora, sete anos depois, nós estamos de volta ao Giants Stadium com o U2 no palco. Sting estava errado em uma coisa, eles têm mantido o manto de Maior Banda do Mundo mais apertado e por mais tempo do qualquer grupo desde os Rolling Stones. O veterano da Anistia, Lou Reed, está de volta à casa essa noite. Ele caminha calmamente para se juntar a Bono no palco B e cantar “Satellite of Love”, causando um grande grito entusiasmado das oitenta e cinco mil pessoas presentes. Um dos benefícios dessa tecnologia é que quando o U2 for para outro lugar eles poderão levar o Lou Reed com eles. Eles prepararam um vídeo dele cantando a música, que vai aparecer e sumir das grandes telas de TV em dueto com Bono pelo resto da turnê.

Da mesma forma, eles continuarão a levar uma parte da banda Disposable Heroes of Hiphoprisy, mesmo após o período deles como banda de abertura acabar. Por um ano e meio do restante da turnê, a música do Hiphoprisy “Television, the Drug of the Nation”, será tocada várias vezes durante a erupção das telas da Zoo TV antes do U2 entrar em palco. Uma atualização de “The Revolution Will Not Be Televised”, de Gil Scott-Heron, é um hino perfeito para a Zoo TV, sendo simultaneamente um comentário sobre a cultura de mídia das massas e um moderno exemplo da mesma. O líder do Hiphoprisy, Michael Franti, diz estar se divertindo com o U2, especialmente agora que o chamaram para um canto e disseram que o nome do guitarrista é “Edge”. Michael o tem chamado de “Ed”.

Há um momento crucial no meio de toda a loucura dos bastidores. O artista David Wojnarowicz está aqui com sua família, da qual ele está afastado há anos. A imagem de Wojnarowicz, de um búfalo indo direto para um penhasco, foi escolhida pelo U2 para capa do single de “One”, lançado em benefício da pesquisa da AIDS, por sugestão do Adam. Wojnarowicz está morrendo de AIDS; ele provavelmente não viverá até o final do verão. Aparentemente a família dele viu na TV uma história sobre a colaboração dele com o U2 e o contactou. Eles vieram aqui essa noite para compensar um pouco do tempo perdido.

O espetáculo da Zoo TV não perde nada ao ser expandido para um estádio; o espetáculo fica ainda melhor. As explosões sensoriais no início do show tornam o tamanho do público irrelevante - a pirotecnia visual atrai as pessoas diretamente para dentro do show, sem a usual sensação de esforço para ver as pequenas figuras no palco como na maioria dos shows em estádio. A correnteza de efeitos visuais atrai a audiência para a música. Então, quando as explosões param e o U2 aparece no palco B com suas guitarras acústicas, o público reajusta sua perspectiva para que se sintam como se estivessem numa situação íntima, e dali em diante - de forma marcante - o obstáculo que a distância coloca entre o artista e audiência parece ter acabado. Quando Bono canta "With or Without You" tem-se a sensação que ele está se apresentando num pequeno clube.

Toda a parafernália é no fundo uma maneira de conseguir intimidade. Ao começar explodindo fogos de artifício para depois emergir e ficar de pé iluminados pela luz dos holofotes, o U2 diminui o espaço entre o palco e as partes mais distantes do estádio. E, uma vez que essa distância seja superada, a distância restante - entre a voz do Bono e o ouvido do ouvinte - é fácil de ultrapassar. Quase todo o apelo das músicas do U2 vem de sua intimidade, de sua humanidade. A banda escreve música a partir de certos estados de ânimo e então Bono procura uma maneira de dar forma a essas emoções com a sua voz e letras. Ele é o primeiro amplificador pelo qual a música passa e é seu trabalho definir o sentimento que a música transmite sem distorcê-lo. Não importa o quão grande seja o som ao vivo do U2 ou quão ostensiva a produção se torna, nunca se impõe um efeito que já não esteja presente na composição. Quando o U2 explode em "Bullet the Blue Sky", eles estão imitando a raiva humana no coração da canção; quando eles tocam "With or Without You", eles estão evocando uma batida do coração. Diferente de muitas outras bandas de estádio, eles nunca criam um efeito para impressionar a audiência - uma explosão ou um solo de guitarra gritante ou uma mudança dinâmica radical - apenas para fazer o público pular. Todos os efeitos crescem a partir da música, e esse é o motivo pela qual, uma vez ultrapassada a distância física, o público pode se sentir tão perto da música num estádio como se sentiria num teatro. Eu acho que atuar ao vivo é equivalente ao talento desenvolvido por artistas de TV como Walter Cronkite, Ronald Reagan ou Bishop Sheen para falar a milhões de pessoas como se cada uma fosse a única ouvinte, como se locutor e audiência estivessem sozinhos numa pequena sala.

Eu trouxe um amigo meu essa noite, um engenheiro de gravação que está no negócio da música há vinte anos. Ele ri e balança a cabeça durante o show todo, que ele diz ser o melhor que ele já viu. O U2 está tocando aqui, no Giants Stadium por duas noites e ainda se apresentará por mais umas duas do outro lado do rio no Yankee Stadium. Eles tocarão para mais gente nessa passagem por Nova York do que em seus três primeiros anos na estrada pela América.

Eu estou muito feliz por ter visto vários shows do U2 no início de sua carreira e eu tenho muito sentimentalismo em relação a eles. Mas, eles nunca foram melhores do que são agora.